

**CIORAN REVISITADO:
A FUGACIDADE DOS SERES E A LITERATURA**

**CIORAN REVISITED:
THE TRANSIENCE OF BEINGS AND LITERATURE**

**Estela Campos de Oliveira¹
Márcio Araújo de Melo²**

Resumo: O que é ser feliz? Entre várias perspectivas possíveis, fundamentalmente, harmonizar anseios com o que se consegue desvendar sobre o mundo e sobre si mesmo, com o sentido que se atribui à vida. É construir a própria trajetória compatível com esse sentido de viver e alcançar a plenitude do ser. Entretanto, para Cioran, o homem, ambicionando a totalidade do ser, a isso não pode chegar, esvaziado continuamente pelo caráter transitório e relativo de tudo. Tudo é provisório e a vida é um contínuo lançar-se para a frente, mas que nos dribla sempre porque nada permanece. Paradoxalmente, Cioran sugere o movimento como forma de permanecermos despertos e atuantes em nossa inquietação; e, como numa forma de adesão filosófica e prática a nossa condição, o desconhecimento de por onde vamos, a incerteza, a ruptura, e não a satisfação, é o que nos lança para a frente. A felicidade, para Cioran, nos paralisa.

Palavras-chave: Cioran; Felicidade; Literatura.

Abstract: What is being happy? Among several possible perspectives, fundamentally, it means to harmonize longings with what a man can unveil about the world and about himself, with the meaning given to life. It is to build his own trajectory compatible with this sense of living and achieving the fullness of being. However, for Cioran, man, aiming the fullness of being, cannot reach it, because he gets emptied continuously by the transient and relative nature of everything. Everything is provisory and life is an ongoing launching forward, but it always dribbles us because nothing stays the same. Paradoxically, Cioran suggests movement as a way to remain awake and active in our restlessness; and, as in form of practical and philosophical adherence our condition, the ignorance of where we are going, uncertainty, disruption, not the satisfaction, is what casts us forward. Happiness, for Cioran, paralyzes us.

Keywords: Cioran; Happiness; Literature.

¹ Doutora em Literatura Comparada pela USP. Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: estelacoliveir@uol.com.br

² Doutor em Literatura Comparada pela UFMG. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: marciodemelo@uft.edu.br

Considerações Iniciais

O que é ser feliz? Este conceito pode ser respondido segundo fundamentos nocionais e perspectivas muito diversas, mas sem dúvida podemos aceitar que ser feliz é estarmos em harmonia com aquilo que somos, fazemos, buscamos, alcançamos. E aí está o problema discutido por filósofos da modernidade – o homem busca o que não pode alcançar, quer um bem-estar que lhe escapa sempre, porque sua condição foge a seu controle. Primeiro, o homem é marcado pela natureza fugaz tanto de sua vida, quanto dos desejos e pensamentos que o habitam e ainda pela instabilidade de coisas, condições e propostas de rumos do mundo. Tudo o que está dentro ou fora do homem num instante não será o mesmo no instante seguinte. O caráter passageiro e incerto interfere profundamente tanto na certeza do que o homem busca quanto na sua satisfação subjetiva. Mas esta manifestação dolorosa de nossa caminhada só acontece porque somos autoconscientes – avaliamos todo o tempo nosso universo íntimo, nossos pensamentos e sabemos também que todo querer tem uma estação complementar além de si e que nada nos basta para sempre e por inteiro. Assim, porque nossa consciência nos observa, a nós e ao mundo, porque pensamos, a insatisfação vagueia inapelavelmente em nossa intimidade, seja como nuvens incertas, seja como inquietantes espaços cinzas. Fato é que, tirando nossos melhores dias, nunca temos a exuberância de bem-estar ou sequer o encanto sereno de viver o que desejamos.

Sendo feitos de autoconsciência e de reflexão, tendo-as como inarredáveis de nossa constituição, não podemos, como os animais, esquecermos de quem somos – a não ser ao dormirmos, ou nos dispersarmos em algum momento de evasão momentânea ou ao nos servirmos de alguma droga lícita ou ilícita.

A consciência é o nosso tropeço e nosso alerta constante. Ela nos roça ou nos aguilhoa sem parar. Não por nada Cioran nos propõe, como saída para nossa vida encabrestada por anseios que sempre se evadem, a intensidade das emoções e o desregramento de limites, o transbordamento de experiências em sensações e sentimentos que se exacerbam, até mesmo de sofrimento. Porque aí é então possível provar a vida como experimento sensorial e afetivo e não como abstração reflexiva, cujas referências reais ou conceituais acabam se diluindo na transitoriedade das coisas ou na relatividade de tudo. Até a dor pode nos levar a redescobrir a vida em seu fulgor. Para ele, a abstração do pensamento, seja como for, inclusive na teoria

científica ou na religião, nada nos traz, senão a consciência de nossas carências ou nosso vazio sempre de tocaia.

Para Cioran, o homem é o ser marcado pela existência perecível, fugaz, em situação de precariedade, de não ser, que, ambicionando o ser, a totalidade, a plenitude, a isto não pode de fato chegar. Se o homem abrir os olhos para o que ele realmente alcança, se dará conta de que nada é, nada tem. Na transitoriedade de tudo, o que constrói tem a duração de um instante, que ele projeta sobre o tempo e o futuro. É uma chama, a irradiação de um momento. O provisório é tudo quanto existe e conta. O que temos se evapora a cada instante – tanto evapora porque a vida é passagem, movimento, mudança, quanto porque tudo o que temos é construção do espírito, são idéias – e isto não é realidade, mas voláteis projeções mentais. Somos, digamos, nuvens em movimento, somos “países de vento”, servindo-nos analogicamente de um poema de João Cabral de Melo (1956, p. 109): “são estátuas em voo / à beira de um mar; / a flora e a fauna leves / de países de vento;”. Temos, então, ao viver, de retirar forças e obstinação do que sempre se esvai e todo tempo nos escapa, de uma busca obscura e desarrazoada, do que continuamente se esvazia de um nuclear porquê de ser.

1. Cioran revisitado

Na perspectiva do filósofo Cioran, reter, solidificar nossa construção de vida é o que obviamente não podemos realizar e o que nos resta fazer é uma espécie de adesão do espírito a esse modo transitório de nossa existência. Paradoxalmente, se em tudo nos falta a amplitude duradoura e completa, alcançar a totalidade ou a satisfação é de alguma forma nos paralisar. Justamente a inquietação da busca e do movimento ao encontro de algo tem que sustentar nosso caminho. O desconhecimento de por onde estamos indo, ou o caráter ilusório de todo trajeto, a incerteza, a ruptura com o que foi é, em nossa condição, a situação preferível e a mais proveitosa. Estancar-se em algo é viver do que já não é, ou do passado, do que se esvaiu no inexistente. “A felicidade paralisa meu espírito. O sucesso me esvazia de mim mesmo (...).” (CIORAN, 1993, p.100)³ Aqui Cioran encontra-se em essência com o que diz o Pe. Fábio de Melo (2009, p. 131): “A alegria faz ficar. A tristeza faz partir.”. Várias áreas da reflexão, como a filosofia, a poesia, a religião, convergem frequentemente para essa mesma

³ - Todas as traduções do artigo foram feitas pelos autores. “Le bonheur paralyse mon esprit. La réussite me vide de moi-même (...).”

posição quanto ao caráter paralisador da satisfação que se instala. Seria aí uma estratégia do espírito para adequar-se à condição humana de contínua passagem, de fazer disso uma motivação para sua caminhada ao invés de se colocar em relação a ela de modo descaído ou revoltoso? Seria aí um impulso generoso de atribuir uma perspectiva fértil ou mesmo sublime a algo já inserido em nossa vida como um imperativo?

O homem é, sob todos os ângulos, o animal que, cobiçando a totalidade, não a tem. Tudo o desvia de seu desejo. As sugestões e experiências dos sentidos, os pensamentos, as propostas do espírito, tudo são criações do instante, visões de nuvens, ilusões que não têm sustentabilidade, mas que fazemos durar, por projeções mentais, imaginárias, emocionais, além da chama momentânea. O homem é um órfão, um mendigo de sua própria vida e de suas esperanças. “Deus é mentira como a vida e talvez a morte.” (CIORAN, 1993, p. 75)⁴. De fato, se a morte já está imersa na vida desde seu início – o que é vida? O que é morte? Não são, ambas, invenções imaginosas? A morte está em nós enquanto vivemos e a transcendência que buscamos, seja em Deus ou na poesia, são fantasias do espírito. As exalações passageiras é o que existe, projetadas provisoriamente em nossas elaborações mentais: “Se abríssimos os olhos a existência se evaporaria.”⁵ (CIORAN, 1993. P.76). E no entanto, nos parece que o homem tende muitas vezes, tomando como base pensadores e poetas, a aderir voluntária ou intuitivamente ao inevitável, como se ele buscasse a adequação mais proveitosa e coerente com sua condição, frágil e fugaz que seja. Acentua com frequência que a felicidade permanente não lhe convém, já que ela ou o entrava ou o esvazia, prendendo-o ao que já foi, desestimulando a busca e a expansão pessoal.

Retomando Cioran, para ele tudo é mentira, nenhuma verdade resta da vida, já que nada jamais é o que foi; ainda assim, ou como consequência disso mesmo, também para ele, a felicidade – mas ela existe? – não compensa. Contudo, apesar de nada ser verdadeiro, de a mentira ou a transitoriedade habitar todas as coisas, de nada valer a pena, esse filósofo parece reconhecer algum valor ou utilidade no movimento – oportunista que seja, já que a completude e a felicidade inexistem. Seria para nos harmonizar com a passagem de tudo, para evitar um embate inútil com o modo de ser natural das coisas, sempre em mudança? Seria para não morrer de inanição, pela contemplação inerte e infrutífera, pelo tédio? Difícil responder a isso, porque em Cioran todas as razões levam a uma oscilação momentânea de

⁴ - “Dieu est un mensonge, pareillement à la vie et peut-être à la mort.”

⁵ - “Si l’on ouvre les yeux, l’existence s’évapore.”

razões que se solapam, se esvaziam, como se fossem uma projeção de seu entendimento da vida esvaziada. No final, nada se salva, no aspecto de conferir à vida um sentido. Se alguma felicidade ou alguma conquista, se algum sucesso for possível, ainda assim eles sequer são legitimamente desejáveis. Porque afinal o que ele nos diz é que todas as buscas e caminhos resultam em ferida. Tudo é, em fim de contas, pena, volatilidade e nada tem razão de ser. Assim sendo, a proposta que nos deixa seria a ruptura lógica com tudo, a opção pelas situações extremas, exacerbadas no desdém pelos limites, excedendo em desmesura, como à margem de algum penhasco, a ponto de despencarem, alimentando o delírio, a embriaguez de querer e sentir. Se se renuncia a isso, é a lucidez brutal do tédio, do confronto com o nada, sendo a vida humana um “agir com o único fim de enganar o tédio” (CIORAN, 1993, p. 70).⁶ Aliás, se alguma disposição essencial Cioran reconhece claramente no homem é o agir, mover-se apenas para escapar de suas ausências essenciais, mascará-las: “este é o homem”. Porque ele é esse ser que se empenha, se fatiga, se entrega ao que de fato não é, ao que não se fundamenta. O que é temporário se desmente no escoar dos momentos e o que é desejo do infinito não se alcança. Nos movimentos de transcendência, de ascensão mental, a volta disso não é permanência na luz, o expandir-se no sentimento de exaltação e infinito, mas a percepção de que somos o que somos: desejos e carências. A plenitude se vai, volta a invasão da falta e da fragilidade de ser.

Se o homem ama o viver, mais mendigo será, mais órfão, mais ferido. Fato é que sequer pelos excessos, pelo amor, pela literatura, pelas paixões, pelas criações do espírito, pelas invenções da ciência, o nirvana se deixa apreender. Perder a razão, alimentar o delírio, é, sim, perder o senso – como o recomenda Cioran contra a insensatez de viver. Mas lançar-se na expansão desmesurada, se é uma evasão do absurdo de viver, isto é também insaciavelmente provisório. Saída definitiva para a ausência de uma plataforma sólida de ser, que nos permita sustentar uma convicção qualquer contra o processo de exílio existencial ou de ressecadas aproximações do tédio, isto não há.

Para Cioran, reiterando, tudo o que fazemos na vida para conduzir nossos dias não são solução, mas tão somente um jeito de enganar a negatividade, a ausência, a transitoriedade e o vazio. Por isso, buscar as situações de equilíbrio, de medida, como na racionalidade clássica não seria a escolha capaz de nos apaziguar. Descomedimento é o que resta à alma,

⁶ “(...) agir á la seule fin de tromper l’ennui, celui-lá c’est l’homme.”

extrapolando-se em seus limites, derramando-se num fingimento, ou numa contrapartida ao que não pode ser. O delírio não é a solução, mas a possibilidade do esquecimento, da embriaguez temporária, do temporário envolvimento com a inconsequência. Inebriar-se não é de fato a solução – porque não há solução –, mas a trégua. E são, de todo modo, concluímos ainda, as situações de ruptura, de delírio, de excesso de vida e de sentimento ou de extremo vazio – daí também acontece de renascermos – que de algum modo podem nos servir, porque nos tiram a lucidez e nos arrastam no estremeamento de emoções. A lucidez do equilíbrio nos enfastia, ao mesmo tempo que nos mantém na autoconsciência. Uma vez que todas as razões que pudéssemos buscar para dar sentido a nossa existência são improváveis, provisórias, fictícias, o melhor é nos inebriarmos dos grandes exercícios de malabarismo existencial. Se é para lutarmos pelo que não existe, o jeito é então escolhermos o que nos mantém despertos e intensos. Mas de todo modo nos fraudamos. O que fazemos é correr do tédio, do nada, do desamparo, da fragilidade, da falta de rumo real, sólido, confiável. Então, consideremos, se dissermos que alguém não é confiável – o que ou quem é confiável? Confiável, se projetamos para essa palavra nosso habitual modo de aplicá-la em nosso convívio e relações, seria a pessoa que organizasse um tal sistema de falar e agir com que pudéssemos contar, que não nos falhasse na hora de nossa solicitação e sobretudo na hora de nossa fraqueza. Não apenas a pessoa que fizesse tudo para nos cumular de agradáveis sensações e sentimentos, segundo nossa expectativa, mas aquela cujos princípios fossem coerentes e presentes na hora de se manifestarem e se provarem. Mas se a vida é o incerto e o provisório, como esperar a certeza de uma pessoa? E se acrescentarmos a isso a mobilidade natural dos sentimentos e o caráter insondável de outra subjetividade? Como contar com sua plena confiabilidade e ainda mais segundo nossa expectativa? Antes ouvirmos Chico Xavier (1956, p. 152): “Cada alma é sempre uma incógnita para outra alma. Em razão disso não será lícito erguer as paredes de nosso alicerce no sentimento alheio.”

2. A fugacidade dos seres

O que deve o homem esperar de outro homem ou de si mesmo, se ele é apenas o “animal que pode sofrer pelo que não é”?⁷ (CIORAN, 1993, p. 70). Se tudo o que faz carece de duração e de sentido, se ele vive no incompreensível? A própria reflexão vaga num vazio

⁷ - “Un animal qui peut souffrir pour ce qui n’est pas, voici l’homme.”

que a lógica preenche a seu modo, construindo razões, alimentando-as, moldando-as segundo questionamentos e necessidades das várias áreas humanas. Ideias, para Cioran, preenchem precisões nossas, mas não constroem sentido. E se todo sentido que o homem constrói é mais intenso e tocável por força das emoções, como propõe o filósofo, ao falar do poder de nomear da literatura, não seriam também elas uma espécie de delírio que transcende as coisas e que se forja através dos sentimentos? Pelo menos, a elas as sensações dão uma forma de densidade corporalmente experimentadas. Mas, e se o homem decidir demolir tudo isso, esta criação fantasiosa da sua subjetividade e da sua capacidade de tudo transcender, de ir além dos fatos, de recriá-los a partir de sua elaboração de desejos, sonhos, pensamentos, o que lhe resta? E se isso se desmente? Aí será a confirmação da miragem que é a vida, que, na verdade, é uma submissão às ilusões do espírito. Porque tudo a que o homem se entrega – seja a glória, ou a mulher (que é exatamente talhada, diz o filósofo, para lhe alimentar as sugestões enganosas do amor) ou a bebida, tudo são desvios que lhe mascaram a vacuidade de quanto existe. Tudo em que crê não é mais que inventividade mental. Mesmo se o homem elevar altamente sua reflexão – através da poesia – por exemplo, se viver o encantamento e a luminosidade reflexiva a mais alta e depurada, é para que daí volte mais sofridamente convencido de que tudo é uma elaboração a que faltam pilares de sustentação. Esta é uma plenitude falaciosa, em que as brechas e o esvaziamento sempre se denunciam na passagem dos momentos.

Assumir, segundo Cioran, a solidão, o isolamento de nossa condição, sem tentar escapar para as produções do pensamento e das crenças de todos os vieses, nos engrandece – e aí, como raramente vemos nesse filósofo, ele nos aponta algo de positivo, uma escolha possível de atitude contra a vazia arbitrariedade da existência, a escoar-se a cada instante.

As coisas do mundo, as exaltações do amor, as belezas mais inebriantes, depois de nos invadir, nos entesourar com seus fascínios sempre renováveis, acabam por ceder lugar a nosso reencontro com o nada. E, já que as criações do pensamento não salvam, Cioran nos sugere acolher esse nada no imediato, sem procurar em outros mundos da reflexão, da literatura, da religião ou do que quer que seja uma redenção para essa experiência constante e inevitável de esvaziamento. Em outras palavras, Cioran nos sugere viver o imediato, as experiências palpáveis que nele se nos dão, seja para a exaltação, seja para a dissolução do ser, sem escapes de transcendência. Também não projetar tudo sobre a morte, que para ele não é nada – ligando-a ao contexto filosófico que lhe cabe – já que tudo é essencialmente mortal, trazendo todas as coisas a morte em si, não sendo ela excepcional ou um fato extraordinário e

nem tão decisiva como pensamos. Porque, dentro dessa perspectiva de escoamento de tudo, é justamente por termos consciência disso que a tomamos como referência absoluta, supervalorizando-a. A cada esplendor experimentado, trememos pela beleza do que se nos dá, pela miraculosa plenitude em que eventualmente fulguramos e também pela transitoriedade implícita que aí murmura, pelo risco inerente a todo magno instante. Viver segundo o imediato seria uma forma de não nos projetarmos nessa grandeza que fatalmente se esvaziará? Mas será possível experimentar o instante maravilhoso sem nos lançarmos nessa expansão infinita do ser?

Por outro lado, lembra-nos o filósofo, às vezes é do extremo cansaço, do desatino pelo assédio da dor ou do vazio, da ruptura com o tolerável que reencontramos inesperadamente a expansão plena dos sentimentos, fazendo-nos reflorir da morte em que imergíamos. Mas é então uma plenitude que roça ao mesmo tempo as origens e a carência: “E quando tudo em mim parecia se romper, o estremecimento da pura existência me conduzia para antes de mim, nas próximas regiões da falta, da vida”. (CIORAN, 1993, p. 68)⁸

Porque falham as produções dos sentidos, porque falham as edificações miríficas do amor, porque falham nosso corpo e nossos músculos, o homem se serve do pensamento – eles são os criadores de inúteis desvios para o homem mendigo, para o devaneador de uma plenitude que ele sequer sabe o que é. Os pensamentos buscam uma espécie de preenchimento abstrato para nossas faltas, nossas carências intermináveis, nossa intrínseca insuficiência. Seu papel é de fuga, de dissimulação. É um engodo para nossa alma. O homem é o buscador, antecipadamente vencido, do absoluto, do que é completo, do que perdura, do que daria sentido a sua vida. Para camuflar tudo o que de nós se esgueira e nos falta, voltamos a idealizar o infinito, a ondear em torno dele, a projetá-lo em nossas reflexões – mobilizando o pensamento para que se expliquem e se transcendam nossas precisões, transfiguradas por algumas revelações de sentidos. E novamente falhamos, porque o pensamento é criação do que não existe, é salto ilusório sobre o que transpõe o imediato. Por isso, sejam quais forem os caminhos dos homens, eles são caminhos de feridas. O que queremos é o ser, a totalidade, a plenitude, o perdurável, a evidência de razões para existirmos – e que constituem a essência de nossa busca da felicidade. Por isso somos também habitados pelo medo: ele é “uma ponte

⁸ - Et quand tout en moi semblait se rompre, le frémissement de la pur existence me ramenait en deçà de moi, dans les si proches contrées de la faute, de la vie.

entre o desejo e o ser.” (CIORAN, 1993, p. 91)⁹. Mas esses anseios sempre escoam para lugar nenhum. Por isso, para Cioran, só nos resta, como saída, isto é, como alento passageiro, como fuga de nossas impossibilidades, o delírio, a exacerbação, o desregramento das emoções. Diz ele: “A verdadeira vida não está na medida, mas na ruptura. O universo, não curando os ferimentos do coração, devemos (...) nos inebriar de delírio.” (CIORAN, 1993, p. 100)¹⁰. Então, a verdade da vida não estando em nenhum lugar, em situação nenhuma, estaria na quebra de tudo, na fratura de todas as situações dadas, na demolição de todas as razões. Mas aí Cioran nos sugere algo em que ele mesmo, parece-nos, não poderia crer: as situações de ruptura, de descomedimento também estão submetidas às mudanças, à inconstância de tudo, ao despropósito de todas as coisas. O que ofereceria o delírio de confiável para nos trazer compensação de nossas carências? Só se teria o gozo do momento libertador, ousando para além das comportas existenciais comuns, buscando os transbordamentos para além dos limites habituais. Mas o delírio não estaria igualmente submetido à mesma fragilidade de tudo que habita a vida? Por que seria o “disparate a única escapatória da alma”? (CIORAN, 1993, p. 105)¹¹. Pela situação anômala da autoconsciência? Como comprovar isso em sua perspectiva de total negatividade e descrença?

O real, para Cioran, não existe em lugar nenhum. Mesmo as transcendências, o céu que se busca, a luz que se queira retirar das projeções filosóficas e seus mundos ideais, as visões de santos, tudo são criações mentais. Ele, que diz ter frequentado tanto o além, “ter procurado por tempo demais o nada no além”¹² (CIORAN, 1993, p. 16), leva-nos a pensar esse “nada no além” como a liberação das coisas, a autonomia do espírito, a paz, a ausência de solicitações múltiplas e inúteis; ou ainda como a contra-face do absoluto, o desligamento do transitório, do fragmentário, o nirvana, a projeção do espírito sobre uma dimensão liberta de necessidades e, portanto, de carências. Mas acabou chegando à constatação da insuficiência desse além, porque ele homogeneíza tudo, não leva em conta os saltos do espírito, suas quedas ou as passagens luminosas. Isto nos propõe um contato com o além em que tudo fica por demais neutro, igual, e necessariamente insignificante.

⁹ - “La peur est un pont entre Le désir et l’être.”

¹⁰ - La vraie vie n’est pas dans la mesure, elle est dans la rupture. L’univers ne guérissant pas les blessures du coeur, on doit (...) s’énivrer de delire.”

¹¹ - *La déraison* est l’unique échappatoire de l’âme.

¹² - Jái trop longtemps cherché le rien *ailleurs*.

As ideias de Schopenhauer abordando o caráter passageiro de tudo que compõe a existência, a falta de finalidade de ser e a ameaça permanente do absurdo, a nossa constante busca de razões para conduzir a existência, o anseio por uma felicidade imaginária, o gosto pelo incomum para desviar o tédio têm uma grande proximidade com o que nos diz sobre isso Cioran. Mas também há aí grandes diferenças, como a adesão de Schopenhauer a alguma forma de transcendência, sua crença de que o homem participa de uma dimensão de eternidade:

De cada evento em nossa vida, é apenas por um momento que podemos dizer que este *é*; após isso devemos dizer para sempre que este *foi*. Cada noite nos empobrece, dia a dia. Provavelmente nos deixaria irritados ver este curto espaço de tempo esvaecendo, se não fôssemos secretamente conscientes, nas maiores profundezas de nosso ser, de que compartilhamos do inexaurível manancial da eternidade, e de que nele podemos sempre ter a vida renovada. (SCHOPENHAUER, 2014, p. 3).

Podemos lembrar que a *Bíblia*, na perspectiva de Cioran, teria nitidamente suas fórmulas de engodo para o homem, como, por exemplo, sua promessa de que o sofrimento terá fim: “Deus (...) enxugará dos olhos deles todas as lágrimas. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor.” (Apocalipse, 21: 3,4).

Descontente com essa isenção vazia, Cioran se volta então para a vida tal qual acontece no dia a dia, disposto a aderir a sua condição inteira de fragilidade, cansaços, mudanças incessantes, passagens intensas e morte. Insatisfeito com o caráter irreal e uniforme do nada, que falseia a vida e suas alternâncias de dor e êxtase, quer solidarizar-se com o modo de ser da existência imediata. Desvincula-se da ascendência mental voltada para regiões insondáveis e intocáveis. E procura retirar do mundo imediato o que lhe é possível usufruir. Ora, esta única coisa parece ser as emoções. Não que elas sejam o real. Este não está em nenhum lugar. Mas se são a criação de um mundo fictício, este é ainda melhor ou mais aceitável que a neutralidade das abstrações e transcendências do espírito, pois um “universo neutro é mais ausente que um universo fictício” (CIORAN, 1993, P. 16)¹³. Como um apelo último e desesperado, Cioran nos convida a retirar da vida a única graça possível – a intensidade de nossas dores e alegrias, para os quais nossa língua não teria expressões a atribuir. Retenhamos sua essência, façamos dela o rastro de vida único que nos é possível. Este seria o sentido vagamente viável a conferir a nossa fugaz trajetória. Sempre um sentido

¹³ - Un universe neutre est plus absent qu'un univers fictive.

de caráter fictício, como tudo que é percebido por nós, seja mental, seja emocionalmente. Mas ainda assim valeria, supomos, pelas marcas com que impregnam nossa vida, nossa mente e corpo, nossos sentidos, pela força com que estes as distinguem, pelo impacto excedido de prazer ou sofrimento que nelas imprimem. É aí que entra o papel específico da literatura – ela tem a incumbência de dar nome às vivências únicas, aos sofrimentos ou expansões afetivas para os quais não tínhamos designação, porque, acrescentamos, constituíram uma manifestação ímpar, com seu enredo próprio, suas próprias razões, revelações, sangrias, fulgores e tons. Acoplado ao ato de registrar emoções, o artista tem ainda o papel de exumá-las da inexistência, de conferir realidade a esse mundo até então mudo de autoexpressão: “Só o artista torna o mundo presente e só a expressão salva as coisas de sua irreabilidade” (CIORAN, 1993, P. 16).¹⁴ Bem sabemos que são os nomes que dão contorno real às coisas e que, sem a língua, o mundo poderia ser uma massa informe – aí estaríamos incertos, sem percepção clara de nosso contexto e sem nítida direção mental; aí vaguearíamos num espaço difuso e também sem tempo, porque não inscrito, não delineado na manifestação das coisas. Mas, na perspectiva ideológica de Cioran, a realidade proposta pela literatura seria, se pudermos assim dizer, uma ficção um pouco mais notável, já que se permite instaurar um mundo mais nitidamente do que muitas de nossas demais experiências. Além disso, fundando-se nas emoções e sensações, estas são também, na irreabilidade de tudo, a única realidade possível, já que tiram o universo da neutralidade e seu efeito cinza sobre nossas vidas: “No que é transitório – ora, tudo o é – recolhemos com nossos sentidos essências e intensidades. Onde procurar o real? Em nenhum lugar, certamente, se não for na gama das emoções” (CIORAN, 1993, p. 16)¹⁵.

3. A literatura

A literatura dá corpo inteligível a nossas experiências emocionais mais intensas e reveladoras, captando sua essência. Ela tem então o papel de salvar do naufrágio os momentos e percepções que mais nos mobilizaram, descortinando-nos nossa vida em seus meandros de complexidade interativa com o mundo e os homens. Mas dá, comprovadamente, resposta

¹⁴ - Seul l'artiste rend Le monde présent et seule l'expression sauve les choses de leur irréalité.

¹⁵ - Dans ce qui est transitoire –or, tout l'est -, recueillons avec nos sens des essences et des intensités. Ou chercher le réel? Nulle part, certes, si ce n'est dans la gamme des émotions.

sustentável a nossos questionamentos existenciais? No final, sendo tudo transitório, o que se conhece apenas num tempo e se perde no horizonte da mutabilidade ou do desaparecimento não é apenas, mais uma vez, uma miragem? Mas, pelo menos, não é, segundo a perspectiva de Cioran, uma criação fundada num edifício racional, mas algo experimentado por nossos sentidos e nossa afetividade. É também registrado pelas palavras, nelas modelando-se e ganhando vida inalienável.

Aqui, somos levados a lembrar posições de Buda quanto às emoções e quanto à racionalidade. Para ele, o mal do mundo está justamente nas paixões, nos prazeres, sem contar outras fraquezas, como o egoísmo, a mentira, a calúnia. Aliás, tudo que concerne as coisas temporais são ilusões que só nos conduzem ao mal, ao engano e ao sofrimento. Não nos prega, tampouco, as mortificações do corpo – que só serviriam para degenerar nossa sustentação física –, e, sim, o “caminho do meio”, ou do equilíbrio:

É mau entregar-se aos prazeres do corpo; porém não é bom negar-lhe a satisfação de suas necessidades e aumentar suas impurezas. Uma lâmpada suja e com pouco óleo se apagará, e um corpo maltratado e consumido pelas austeridades e mortificações não será adequado receptáculo para a luz da verdade. (KARISHNANDA, 1958, p. 95)

Também, para Buda, o conhecimento racional, se nos instrumentaliza para nossa passagem no mundo, é apenas uma etapa necessária mas não suficiente, e nossa evolução solicita que ele seja superado em experiências de outra natureza, transcendendo-o. Na perspectiva do budismo, nem o saber puramente lógico ou científico, nem as emoções, que são apenas ilusão, muito menos sua exasperação no descomedimento, no delírio, como propõe Cioran, ofereceriam respostas para o vazio que nos assedia – ao contrário, em seu jogo de aparição e fuga, de ascensão e queda, de crença sempre desmentida, seriam uma intensificação de nosso desamparo existencial. Pelo contrário, a felicidade é nos libertarmos de todos os atrativos do mundo e nos entregarmos ao amor, à doação, ao desapego, à paz do coração, à elevação espírito, ou ao nirvana.

Por outro lado, quando Cioran diz que o que nos resta na vida como jeito de escapar ao impacto demolidor do absurdo, pelo menos provisoriamente, é nos entregarmos ao “delírio” – não deixando claramente explícito de que natureza são esses experimentos excessivos, irruptivos de limites, mas que pelas referências de sua obra parecem estar ligados às emoções e sensações – não podemos afirmar que, reiterando sua perspectiva de volatilidade e falta de fundamentos de tudo, essa exaltação seria tão gratuita e mal fundada como os demais aspectos que frequentam nossa existência? Não podemos argumentar que é apenas uma espécie de

embriaguez que nos mantém no mesmo patamar de criação irreal e evaporação que tudo o mais em nossa vida? As impressões alimentadas pelas sensações e sentimentos, por experimentá-las sinestésica e subjetivamente, são menos fictícias que as dos pensamentos – com os quais, segundo ele, procuramos apenas disfarçar o despropósito de todas as nossas posições e iniciativas no mundo?

Também o poeta Rilke (1972, p. 51) nos fala da precariedade de nossa condição, da felicidade que mal existe, sempre a fugir de si mesma, “essa prematura dádiva de uma perda iminente”. E igualmente frágeis são as coisas, ainda mais pela sua falta da expressão linguística. É então que, singela e delicadamente, sob uma perspectiva não apenas logicamente bem fundada, mas necessária, Rilke põe em realce o papel da literatura – nisso, em alguma sintonia com a função, a ela atribuída por Cioran, de nomeadora de emoções e instauradora de um mundo – como porta-voz das coisas e de sua emersão para uma forma de realidade, aí se registrando de modo único. Fato é que as coisas solicitam os poetas, deles precisam, de modo intransferível, para se dizer e se preservar, dando a si mesmas existência, salvando-se do nada, modelando em palavras seu ser, elas, que como nós, precariamente, aqui estão uma única vez:

Mas porque estar aqui é excessivo e todas as coisas
parecem precisar de nós, essas efêmeras que estranhamente
nos solicitam. A nós, os mais efêmeros. *Uma vez*
cada uma, somente uma vez. *Uma vez e nunca mais.*
E nós também, uma única vez, jamais outra. (RILKE, 1972, p. 51)

Então, o poeta parece estar aqui especialmente para dar nome às coisas – e um nome que tem algo do verbo divino, que se põe numa perspectiva fundadora, revelando-as a si mesmas. E elas, que sequer se sabiam assim, veem-se como se se criassem de novo e de outro modo muito mais significativo:

Estamos aqui para dizer talvez para dizer: casa,
ponte, árvore, porta, cântaro, fonte, janela –
e ainda: coluna, torre...Mas para dizer, compreenda,
para dizer a s coisas como elas jamais
pensaram ser intimamente. (RILKE, 1972, p. 52)

Mais uma vez, Rilke se filia de algum modo a Cioran ao querer nomear as coisas não numa perspectiva transcendente, mas na sua simplicidade, que a elaboração poética deve reter, o que as faz de forma pura e despojada presentes a nosso olhar, malgrado a fugacidade

de seu estar aí, em sua sempre volátil passagem. Ainda assim, o papel do poeta é imprescindível – as coisas justamente esperam a salvação daquele que as revela, efêmero como elas, mas artífice do verbo e do ser, detentor de um poder tão humano e, no entanto, supremo, de nomeação e gênese. Ao transfundir a vida das coisas num modo de ser que nem elas, antes, se descobriam, esculpe-as para fora desse nada que as espelhava. Ao mesmo tempo, a arte, ao conferir musicalidade e beleza às dores, transforma-as em alguma forma de singelo êxtase: “Mostra-lhe o simples, o que através das gerações configurado vive como o *nosso* olhar e ao alcance da mão. Dize-lhe as coisas”. (RILKE, 1972, p. 53)

Mostra-lhe como pode ser feliz uma coisa inocente e nossa; como até a lamentosa dor se resolve puramente em forma e serve, humilde como uma coisa ou morre numa coisa – e como se evade o violino da bem-aventurança. E estas coisas que vivem o fugaz, compreendem que teces o seu louvor; efêmeras, advinham salvadores em nós, os mais efêmeros. Que em nossos corações se cumpra sua metamorfose – infinitamente – quem quer que sejamos! (RILKE, 1972, p. 53)

Seja como for, o paralelo quanto à visão nomeadora da literatura em Cioran e Rilke (1972, p. 51) sugere algo irrevogável no ter estado aqui uma vez – como se se marcasse para sempre, numa centelha de eternidade inexplicável, magicamente indelével: “Porém este/ ter sido *uma* vez, ainda que apenas *uma* vez, / ter sido *terrestre*, não parece revocável.”

Considerações finais

Projeta-se aí uma visão de tempo infinito em que o passado se reflete num presente e num futuro indissociáveis, amplificados, circulares e que, aliás, é própria do tempo poético. Já Cioran, se reconhece algum valor na nomeação das nossas experiências de alegria e dor, é antes de tudo um modo de conferir alguma força e intensidade a nossos passos, ou uma fímbria palpável a nossa trajetória. Mas tudo recai em fim de contas no caráter insolúvel e ficcional da vida. É ela, sempre, uma invenção para nada. Para Rilke (1972, p. 52), no entanto, é aqui o tempo de dizer, de sua precisão de registrar-se, da valorização irreversível desse dizer, confiante, altissonante: “Eis *aqui* tempo do *dizível*, eis *aqui* sua pátria. Fala e proclama”. Se efêmeros somos, e se também tudo a nosso redor pode perder nitidez, fazer-se gesto ou formas vagas, dissolventes e sem imagem duradoura, dizer as coisas é dar-lhes contorno, essência e vida. Ao poeta cabe isso e esse fazer parece cheio de uma rica

predestinação – qual um arauto -, de uma doação aos propósitos das coisas e de sua verdade, sob um novo ângulo ignorado, e que assim se resgatam. Aspiram o oxigênio de uma vida imaginária, mas existencialmente intacta. Ao se transfundirem, pela palavra literária, em existência irrevogável, as coisas, mesmo as de conotação dolorosa, fazem-se ainda indizível alegria (“bem-aventurança”) própria da transmutação criadora e de sua beleza.

Antes de qualquer outro argumento, é por vivermos da e na precariedade do transitório, que tudo, para Cioran, carece, como vimos, de consistência real. Sequer podemos dizer onde estão a verdade ou o erro, o objeto ou a sombra. Ainda mais, para o filósofo, somos excedentes e feridos de solidão: antes de chegarmos tudo estava aqui e ao partirmos tudo aqui ficará. Nada solicita nossa presença, nada lamenta nossa falta. E quando nosso espírito se envolve em paixões, em crenças, em buscas da fé, em defesa do ateísmo, em descobertas científicas, o que de fato está alcançando, senão ilusões, se tudo quanto constrói são edificações fantasmagóricas de suas projeções mentais? Acaba concluindo que o melhor é nos entregarmos à descrença, à apatia, ao langor da autodemissão. E, de fato, para ele, toda busca do pensamento, inclusive o científico, é apenas um modo de fuga para o simulacro de nosso existir, que se apropria de nossas precisões para daí retirar o conteúdo de nossas reflexões e crenças ideológicas. Construimos pensamentos de toda natureza, mas que são sempre o contraponto de nossas carências, apenas para dissimular nossa falta de razões de ser.

Na verdade, as conclusões a que nos leva Cioran nem chegam a ser sistêmicas, nitidamente sustentáveis, já que nada sobra de real ou verdadeiro na estrutura de seu edifício lógico – que, de fato, nem chega a sê-lo inteiramente, pelo caráter alternante e intercambiável de todas as propostas, as quais, insolúvel e inapelavelmente, caem no vácuo do nada. Uma das conclusões a que nos conduz é que, se desejamos descobrir as razões das coisas e da vida, nada há a buscar naquilo que outros escavaram tanto, já que toda descoberta do espírito é enganosa edificação, criação que se evapora, porque feita de montagens sem sustentação de qualquer durável verdade. É da nossa ignorância mesma, de nossa observação imediata, isenta de empréstimos, de ideários preexistentes que podemos tirar o que nos cabe compreender. E o que vamos compreender senão que nada perdura e, por isso, nada temos, nada somos? Outra conclusão é a que antes vimos e que talvez a única satisfação ou prazer que a vida nos proporciona é através das emoções, das intensidades de sentimentos vividos. É a eles que se atrela a literatura – e é também ela que, atenta, minuciosamente, vai dar nome a nossas sensações e sentimentos e, portanto, atribuir-lhes uma existência. À literatura é solicitada,

então, a fundação de um mundo. Mas a inconsistência ou a dúvida, em meio a tanta negatividade, ronda essa afirmação: porque as dores ou gozos dos sentimentos e seu registro em palavras seriam menos inconsistentes e menos vaporosos do que qualquer outra criação do espírito? O que os sustentaria melhor do que outras criações de natureza religiosa, ou científica ou política? As experiências de sensações e sentimentos, por mais intensos, não são eles também ilusões destinadas à fugacidade? E se a neutralização de sentido de todas as coisas se deve antes de tudo porque nada permanece e tudo cai na vala da morte, a começar de nós mesmos, que valem, no final das contas, sensações e sentimentos?

Referências

CIORAN, Emil M. *Bréviaire des vaincus*. Mayenne: Gallimard, 1993.

Bíblia Sagrada. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2002.

KARISHNANDA, Yogi. *O Evangelho de Buda*. São Paulo: O Pensamento, 1958.

MELO, Fábio, CHALITA, Gabriel. *Cartas entre amigos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

MELO NETO, João Cabral de. *Duos águas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

RILKE, Rainer-Maria. *Elegias de Duíno*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Porto Alegre: Globo, 1972.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Vazio da existência*. Disponível em <www.ateus.net>, visto em 13.01.2015.

XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1990.

Recebido em 20 de maio de 2017

Aceito em 25 de julho de 2017